



# A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL INFANTO JUVENIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA INTEGRATIVA BRASILEIRA

The existential phenomenological juvenile infant clinical: a review of Brazilian integrative literature

KLESSYO DO ESPÍRITO SANTO FREIRE\*  
FERNANDA SANTOS REIS COUTO\*\*  
KEILLA CHRISTINA DO NASCIMENTO  
CARDOSO\*\*\*

La clínica fenomenológica existencial con Infanto Juvenil: una revisión de Literatura integradora brasileña

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo compreender na literatura brasileira como a clínica fenomenológica existencial entende e atende a infância e adolescência. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura sistemática nas bases de dados Scielo, Bvs- Psi e Pepsic, buscando artigos acadêmicos publicados entre 2000 e 2020. Foram selecionados 12 artigos para posterior análise. Os artigos trouxeram uma visão de infância sem uma delimitação de períodos os marcadores a priori, considerando que a criança e adolescente está sempre em relação com seu contexto. No que tange o atendimento foram encontrados como recursos terapêuticos a mediação, o método fenomenológico e a ludoterapia. Os resultados apontam a necessidade de mais publicações sobre a temática, especialmente relacionado ao público adolescente no qual somente foram encontrados dois artigos, bem como a possibilidade de realização de estudos empíricos.

**Palavras- chave:** Fenomenologia existencial; Gestalt- terapia; Clínica infantil; infância e adolescência.

**Abstract:** This work aimed to comprehend in Brazilian literature how the existential phenomenological clinic understands and attends to childhoods and teenagers. Therefore, a systematic literature review was accomplished in the Scielo, Bvs-Psi and Pepsic databases. The research focus in academic articles published between 2000 and 2020. Twelve articles were selected for further analysis. The articles provided a look at childhood without delimiting the periods, the a priori markers, considering that children and adolescents are always in relation to their context. With regard to care, mediation, the phenomenological method and play therapy were appointed as therapeutic resources. The results point to the need for more publications on the subject, mainly related to the adolescent audience in which only two articles were found, as well as the possibility of conducting empirical studies.

**Keywords:** Existential phenomenology; Gestalt therapy; Children's clinic; Childhood and adolescence.

**Resumen:** Este trabajo tuvo como objetivo comprender en la literatura brasileña cómo la clínica fenomenológica existencial comprende y atiende la infancia y la adolescencia. Por ello, se realizó una revisión bibliográfica sistemática en las bases de datos Scielo, Bvs-Psi y Pepsic, buscando artículos académicos publicados entre 2000 y 2020. Se seleccionaron doce artículos para su posterior análisis. Los artículos trajeron una mirada a la infancia sin delimitar períodos, los marcadores a priori, considerando que los niños y adolescentes siempre están en relación con su contexto. En cuanto al cuidado, la mediación, el método fenomenológico y la terapia lúdica fueron designados como recursos terapéuticos. Los resultados apuntan a la necesidad de más publicaciones sobre el tema, principalmente relacionadas con los adolescentes en la que solo se encontraron dos artículos, así como la posibilidad de realizar estudios empíricos.

**Palabras clave:** Fenomenología existencial; Terapia Gestalt; Clínica Infantil; Infancia y Adolescencia.

\* Doutorando em Psicologia e Docente no Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cofundador, Professor e Supervisor Clínico na Rede Existências. Email: klessyoo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5189-1278>

\*\* Psicóloga pelo Centro Universitário Uninassau, Salvador, Bahia. Membro do Projeto de Acolhimento Cults da UFBA. Email: fernanda.sa.reis@outlook.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4308-5601>

\*\*\* Psicóloga pelo Centro Universitário Uninassau, Salvador, Bahia. Membro do Projeto de Acolhimento Cults da UFBA. Email: keilla819@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9627-360>



## Introdução

A clínica fenomenológica existencial é um vasto campo de pesquisas e atuação cujas origens remontam a Karl Jaspers, com a proposta de uma psicopatologia descritiva compreensiva na década de 1910. Jaspers utilizou do método fenomenológico para tentar compreender a experiência vivida dos pacientes psiquiátricos em acréscimo ao modelo de conhecimento das ciências naturais empregado pela psiquiatria do século XIX e XX. Apesar de não poder ser considerada uma clínica fenomenológica existencial propriamente dita, foi à primeira tentativa de relacionar à fenomenologia com a clínica (Moreira, 2011).

No campo psicoterápico, pode-se considerar que a primeira proposta de tratamento de base fenomenológico existencial surgiu com a *Daseinsanalyse* de Ludwig Binswanger na década de 1930/1940 (Teixeira, 2006; Deuzen et. al., 2019). A partir da leitura de ser e tempo de Heidegger, Binswanger procurava romper com a psicanálise e a psiquiatria da época. Ele propunha uma clínica que valorizasse a relação entre a existência e o fenômeno psicopatológico daquela pessoa que padece, trazendo um modelo psicoterápico que foca na experiência vivida e na história de vida de seus pacientes (Moreira, 2011).

A partir das aproximações entre a clínica e a fenomenologia e o existencialismo surgiu um vasto campo de pesquisa e atuação. Entretanto, devido a sua heterogeneidade, com correntes baseadas em diferentes escolas filosóficas da fenomenologia e do existencialismo, a sua caracterização é permeada de diversas polêmicas. Principalmente devido aos encontros ocorridos entre as filosofias existencialistas e humanistas na década de 1950 nos Estados Unidos, muitas vezes ocorre uma compreensão equivocada do que caracteriza essas abordagens (Feijoo, 2011; Feijoo & Mattar, 2016).

Além disso, na atualidade, as abordagens de base fenomenológico-existencial sofrem críticas pela falta de delimitação do que consistiria em suas bases técnicas científicas. Como contraponto, essas abordagens demonstram uma longa tradição teórica e epistemológica, alicerçada em bases filosóficas sólidas. Devido às várias críticas feitas aos limites do uso das técnicas das ciências naturais nas ciências humanas e nos saberes psíquicos e as críticas feitas à técnica moderna, ocorrem diversos embates dentro do campo das psicoterapias e na clínica contemporânea (Sousa, 2014).

De maneira geral, podem-se caracterizar as abordagens fenomenológicas existenciais como aquelas que se fundamenta no método fenomenológico e nas filosofias das existências (Teixeira, 2006; Feijoo, 2011). Dentre os diversos modelos que decorrem desse campo, a partir de Teixeira (2006), Feijoo (2011) e Sousa (2014), é possível conceber modelos teóricos que explicitamente fazem um diálogo com a fenomenologia husserliana e autores existencialistas como Kierkegaard, Heidegger, Sartre entre outros. Nesse sentido, alguns autores consideram também a Gestalt-terapia como dentro desse campo, por fazer uso do método fenomenológico e de alguns autores existencialistas em seus pressupostos teóricos e epistemológicos (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2016).

Assim, as abordagens fenomenológicas existenciais concebem o ser humano como indeterminado, sem a priori e sempre em relação com o mundo. Nega-se a ideia de uma entidade psicológica interiorizada que definiria o indivíduo, rompendo com a ideia cartesiana de que existe um Eu anterior a toda experiência humana, o foco é na experiência vivida como relação. Essa noção rompe com as diversas concepções psicológicas que procuram periodizar o desenvolvimento humano e estabelecer normativas do que seria considerável “típico e saudável” nesse percurso (Feijoo, 2011b).

Essa perspectiva choca-se com boa parte da clínica e os modelos psicoterápicos atuais, especialmente na infância e adolescência. Eles estabelecem marcadores, advindos especialmente da psicologia do desenvolvimento, do que seria esperado para criança e adolescente, alicerçados em uma concepção psicopatológica advinda de uma perspectiva médica (Zavaschi, Bassols, Salle, Maltz & Santis, 2008; Weiz, Ng, Rutt, Lau & Masland, 2013). O modelo médico concebe a psicopatologia de maneira objetificada e manualizada (principalmente com o DSM e o CID 10), buscando critérios objetivos para o diagnóstico e tratamento (Sousa, 2014).

Diante desse quadro, torna-se importante compreender como as abordagens de base fenomenológicas existenciais entendem a clínica na infância e adolescência, já que advogam um entendimento de ser humano diferente de uma perspectiva periodicista e/ou normativa (Feijoo, 2011b). Além disso, soma-se o fato dos diversos embates ocorridos no campo da clínica psicológica contemporânea, ocasionando um polêmico debate sobre o que consistiria uma perspectiva fundamentada na fenomenologia existencial (Teixeira, 2006; Feijoo & Mattar, 2016).

Assim, esse artigo tem como objetivo analisar na literatura brasileira como as abordagens de base fenomenológica existencial compreendem e atendem à infância e adolescência. Para tanto, será levantado um perfil das publicações (identificando ano de publicação, autores e quais perspectivas teóricas na fenomenologia existencial se fundamentam), como compreendem a infância e adolescência e como entendem o atendimento clínico psicológico em relação a esse público. Com isso, será possível obter um panorama de como a literatura psicológica brasileira na perspectiva fenomenológico existencial vem pensando a clínica com essa população.



## 1. Método

Este estudo teve como metodologia uma revisão de literatura integrativa. Esta proporciona uma revisão sobre determinado tópico que se utiliza de estudos com metodologias diversas. Ela visa obter uma compreensão completa do fenômeno pesquisado, gerando um panorama pormenorizado de teorias e conceitos teóricos (Souza, Silva & Carvalho, 2010). Nesse trabalho, os dados foram coletados entre novembro/dezembro de 2020, acerca do tema do atendimento psicológico em uma perspectiva fenomenológica existencial à infância e adolescente. Como base de dados, utilizou-se as plataformas SciELO, Bvs-Psi e PePSIC. Foram utilizados na busca os seguinte descritores: clínica fenomenológica- existencial, fenomenologia AND atendimento, fenomenologia AND clínica infantil, fenomenologia AND adolescência, fenomenologia- existencial AND infância, fenomenologia- existencial AND criança, fenomenologia existencial AND adolescência, Gestalt-terapia, Gestalt AND psicoterapia AND Criança, psicologia AND clínica AND existencialismo, atendimento clínico criança, Gestalt AND adolescência, Gestalt AND infância e Gestalt AND adolescência.

Como critério de inclusão e exclusão, foram utilizados: recorte temporal ter o máximo 20 anos de publicação (período de 2000 a 2020), texto completo e disponível para acesso integral da obra, estar em português, ter sido escrito por autores brasileiros, ser da perspectiva fenomenológica- existencial e se referir ao fazer clínico com crianças e adolescentes.

Foram selecionados na primeira busca 18 artigos através da leitura do título e do resumo dos trabalhos. Após a leitura dos textos integrais, utilizando-se do critério de inclusão e exclusão, foram selecionados 12 artigos para compor à análise de dados.

## 2. Resultados e Discussões

Na análise final, conforme descrito na metodologia, foram selecionados 12 trabalhos. Os artigos que entraram na seleção podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 1 - Artigos selecionados para análise

Nome do artigo	Autores	Ano de Publicação	Revista
1. Psicologia Clínica Existencialista na Atenção Básica à Saúde: Um Relato de Atuação	Zuleica Pretto, Fabíola Langaro e Geórgia Bunn Santos.	2009	Psicologia ciência e profissão.
2. Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia.	Cristine Monteiro Mattar	2010	Contextos Clínicos.
3. A clínica psicológica infantil em uma perspectiva existencial,	Ana Maria Lopez Feijóo	2011	Revista da Abordagem Gestáltica
4. Pais e Filhos em Psicoterapia: O Atendimento Clínico com uma Criança	Zuleica Pretto e Fabíola Langaro	2012	Psicologia ciência e profissão
5. Adolescência: Fenômeno singular e de campo	Lauane Baroncelli	2012	Revista da Abordagem Gestáltica
6. Uma investigação do ser-aí do menino selvagem à luz do pensamento heideggeriano	Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, Débora Gill e, Myriam Moreira Protasio.	2012	Psico-USF
7. A Infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história	Zuleica Pretto	2013	Psicologia & Sociedade.
8. Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-terapia	Evelyn Denisse Felix de Oliveira,	2014	Revista IGT na Rede.
9. Avaliação psicológica no atendimento infantil: Uma perspectiva gestáltica.	Tatiana Queiroz de Almeida Santos	2015	Revista IGT na Rede.
10. Estudo de caso em gestalt-terapia: leituras fenomenológicas do desenho infantil	Mariana Vieira Pajaro, Celana Cardoso, Andrade	2018	Revista da Abordagem Gestáltica.
11. A Psicoterapia Fenomenológico-Existencialista e sua Aplicabilidade em Crianças.	Marcelo Peres Geremias, Sandra Regina de Barros de Souza, Williams Ferreira Portela, Leonardo José Paiva dos Santos, Pablo Michel Barcelos Pereira.	2018	Seminários de Filosofia e Sociedade: Multiplicando saberes
12. O processo ludoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial das crianças em atendimento clínico.	Munique Therense	2019	Revista da Abordagem Gestáltica

Fonte: Autoria própria

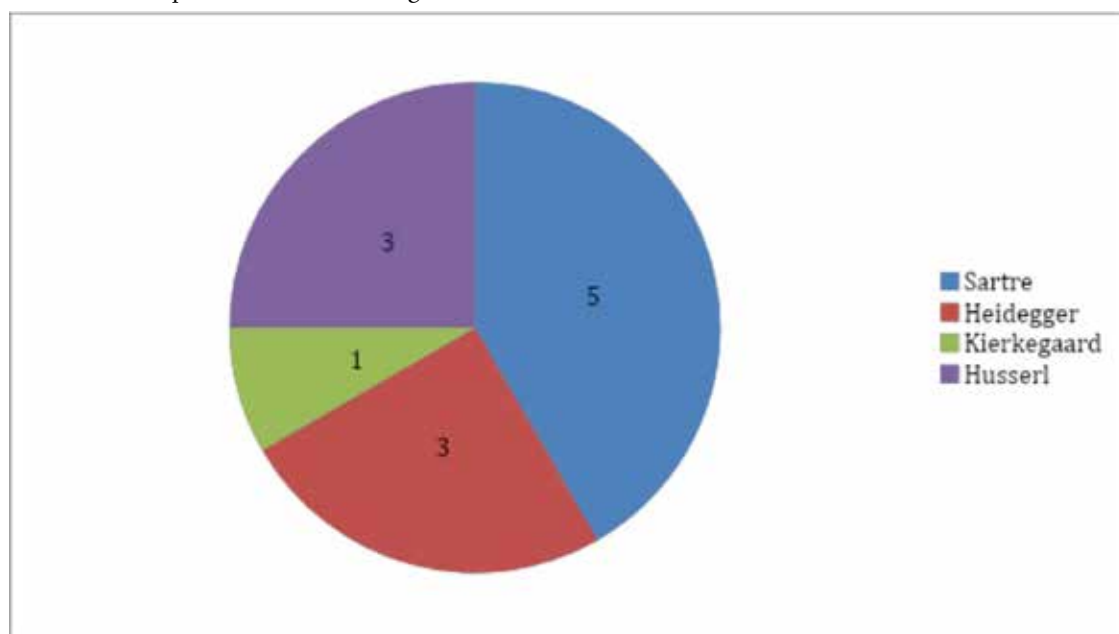


De acordo com a tabela mostrada acima, identificou-se que as pesquisadoras Zuleica e Pretto com uma soma de três publicações, e Ana Maria Lopes Calvo de Feijóo, com um total de publicações dois trabalhos publicados, se destacaram com um maior de publicações (Pretto, 2009; 2012, 2013; Feijóo, 2011, 2012). Os demais autores tiveram um artigo publicado.

No que tange o ano de publicação, o ano de 2012 apresentou uma maior quantidade com total de três artigos, enquanto, os anos de 2009, 2010, 2011, 2013, 2014, 2015, 2018, 2019 apresentaram apenas um trabalho publicado. No que diz respeito as revistas que obtiveram maior frequência de publicações destacam-se a Abordagem Gestáltica com três publicações, seguida da revista da revista Psicologia ciência e profissão e IGT na rede, com duas publicações (Pretto, 2009; Mattar, 2010; Feijóo, 2011; Preto, 2013, Oliveira, 2014; Santos, 2015; Pajaro e Andrade, 2018; Therense, 2019).

Em relação à concepção teórica, foram encontrados que a maioria dos artigos trabalhava com a perspectiva existencial de Sartre, com o total de cinco artigos. No mais, foram encontrados três trabalhos com a perspectiva da fenomenologia hermenêutica de Heidegger e também três artigos que trabalhavam a partir da fenomenologia de Husserl e um sobre o existencialismo de Kierkegaard (Pretto, 2009, 2012, 2013 Feijoo, 2011, 2012). Os resultados podem ser visualizados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Perspectiva teórica nos artigos



Fonte: Autoria própria

De maneira geral, verificou-se que a clínica psicológica de base fenomenológica- existencial considera o ser criança/adolescente a partir de uma perspectiva suspensa de qualquer julgamento, estereótipo, manuais diagnósticos, teoria do desenvolvimento ou que descreva esse público dentro de visão naturalizante, patologizante ou marcado por períodos. Merece destaque que, dentre os artigos, somente os trabalhos de Baroncelli (2012) e de Pretto, Langaro e Santos (2012) se referiram ao trabalho com adolescentes. O trabalho de Baroncelli (2012) considerou a adolescência como fenômeno singular e de campo sob a perspectiva da Gestalt-terapia em articulação com a teoria de campo e Sócio-Histórica. Para tanto, o adolescente é compreendido na concretude da sua existência como ser-no-mundo não se limitando, apenas as mudanças fisiológicas corporais propostas por algumas teorias psicológicas do desenvolvimento com enfoque naturalizante, generalizante etc. (Baroncelli, 2012).

## 2.1 Perspectivas em Relação à Infância e Adolescência

A partir da leitura dos artigos, foi possível identificar duas perspectivas em relação à infância e adolescência: holística e fenomenológica existencial. No que tange a fenomenológico-existencial, observou-se nos artigos duas perspectivas a existencialista de Sartre e fenomenológico hermenêutica de Heidegger.

### 2.1.1 Perspectiva Fenomenológica Existencial

Nos artigos sobre a perspectiva existencialista a partir de Sartre o entendimento sobre infância ocorreu dentro de uma visão não naturalizante, não desenvolvimentistas e sem fases pré-estabelecidas, compreendendo esse período de maneira contextual (Pretto, 2013). Pretto, (2013) apresentou que teoria sartreana entende infância como um acontecimento histórico social, por isso é impossível falar de infância no singular da palavra e, sim, no plural, ou seja, infâncias. Desta forma, o ser criança e a noção de infância irá romper com noção naturalizante, universalizante, determinista e com a visão adultocêntrica (Pretto, 2013).



Já os artigos que trabalhavam a partir da fenomenologia-hermenêutica heideggeriana entenderam o ser humano como ser-no-mundo. Para Heidegger, ser-no-mundo é ser-com-outros-no-mundo (Feijoo, 2011b). A clínica psicológica da fenomenologia hermenêutica heideggeriana considera a historicidade o qual a pessoa está inserida. Portanto, a clínica é baseada na existência em seu caráter de indeterminação e a consequentemente liberdade, finitude e poder-ser e a articulação homem-mundo em meio às tonalidades afetivas da angústia, do tédio e do temor. A clínica nessa perspectiva irá se apropriar da palavra grega *analysis* no sentido originário do termo para se diferenciar da palavra *análise*, que na modernidade passou a se referir a um tipo de investigação analítica no qual se decompõe as partes em uma lógica de causa e efeito (Feijoo, 2011b). Dentre os artigos que trabalham com a perspectiva de Heidegger foram encontrados dois artigos escritos por Feijoo (2011b) e Feijoo, Gil e Protasio (2012), no qual a criança é compreendida como um ser indeterminado e dotado de liberdade.

Assim, de maneira geral os artigos na perspectiva fenomenológicos existencial trouxeram que a clínica psicológica infantil que trabalha a partir dessa linha deve considerar o ser criança de caráter de indeterminação, de liberdade e de cuidado, ressaltando que em nada se diferencia do adulto. Assim, o profissional de psicologia pode se cercar do fenômeno tal como ele se apresenta. Para Feijoo (2011b), pensar clínica nessa perspectiva exige se afastar das teorias psicológicas tradicionais sobre o desenvolvimento da personalidade e aprendizagem da criança (Feijoo, 2011).

### **2.1.2 Gestalt – Terapia/Teoria de Campo/ Holística**

A outra perspectiva presente nos artigos foi a da Gestalt-terapia, que tem suas filosofias de base no humanismo, existencialismo e na fenomenologia (Ribeiro, 2011). Na análise sobre a infância os artigos deram destaque a teoria de campo de Kurt Lewin e a concepção holística do ser humano, retratando as crianças como seres no mundo em relação. Os artigos que trouxeram essa perspectiva foram Mattar (2010), Barroncelli (2012), Oliveira (2014), Santos (2015) e Pajaro e Andrade (2018). Estes trabalhos enfatizaram bastante a teoria de Campo de Kurt Lewin, que compreende que o campo em si é o mundo a qual as pessoas existem e estão inseridas e existindo. Nele a pessoa constitui um campo de relações nos diversos ambiente da pessoa ao longo de sua vida, como em casa, escola, festas e etc. Assim, constitui-se um campo psicológico individual construído através da interação uns com os outros, denominado espaço de vida (Ribeiro, 2011).

Em conjunto com a teoria de campo, foi trazido também o Holismo. O termo Holismo vem do *holos*, que significa todos. Para essa teoria o ser humano faz parte de um todo, ou seja, há uma totalidade o qual são entendidos como seres de relação com o mundo e um com os outros (Ribeiro, 2011). Conforme propõe Mattar, (2010, p. 85), “o homem é considerado em uma perspectiva holística e relacional, e, ao mesmo tempo em que é influenciado pelo meio, age sobre este, modificando-o”. Segundo Ribeiro (2011), da mesma forma que o mundo é afetado pelas ações humanas, os humanos também são afetados pelas transformações que ocorrem nele, pois são seres integrados, ou seja, que pensam, sentem, agem e falam. Sendo assim, à medida que o mundo é expresso por meio de variáveis não psicológicas e não humanas, o mundo e o homem são afetados no tempo em que vivem.

Os artigos que trouxeram a visão da Gestalt-terapia/Teoria de Campo/ Holística foram de autoria de: Oliveira (2014), Pajaro & Andrade (2018), Mattar (2010), Therense (2019) e Santos (2015). Assim, estes trabalhos trouxeram a ferramenta do brincar e o lúdico como recurso que a criança utiliza para se comunicar de forma genuína. Desse modo, no atendimento psicoterápico com crianças deve-se destacar o acompanhamento com família, amigos, escola, parentes, ou seja, tudo que envolve o contexto de vida da criança (Oliveira, 2014). Segundo Oliveira (2014), o psicoterapeuta deve necessariamente gostar: de crianças, de brincar e, sobretudo, estar disponível e receptivo ao modo de ser estar espontâneo genuíno e sincero da criança.

Merece destaque o trabalho de Violet Oaklander, que apareceu com destaque no atendimento com crianças que atua com Gestalt-terapia na clínica. A obra dessa autora destaca a perspectiva gestáltica com crianças e tem como objetivo auxiliá-la na tomada de consciência de si, do seu existir e do mundo (Mattar, 2010).

## **2.2. Como Compreendem o Atendimento dos Artigos os Autores.**

Em relação a como compreendem o atendimento foi encontrado que o fazer clínico com infância e adolescência é pautado em três aspectos: mediação, método fenomenológico e ludoterapia. Os seguintes artigos Pretto (2013); Feijoo et. al., (2012) e Baroncelli (2012) não trouxeram o fazer clínico específico com esse público.

### **2.2.1 Mediação**

Pretto et. al., (2009) trouxe que Sartre coloca que os humanos são seres sociais por natureza humana. Nesse sentido, o meio social no qual a pessoa está inserida oferece caminhos que possibilitam construir a singularidade do ser humano, se apropriando de forma ativa de conjunto de práticas sociais, de valores, de conhecimento, de ideologias e de afetos historicamente e culturalmente constituídos. Então, para o existencialismo sartreano o homem é um ser- no-mundo, dotado de corpo e consciência, estando sempre em relação com meio e constituindo sua existência (Pretto et al., 2009).



Sendo assim, dentre os artigos encontrados a partir da perspectiva sartreana, destacou-se no fazer clínica a mediação, que foi trazido por Pretto et. al., (2009). A ideia de mediação em Sartre está baseada no materialismo histórico-dialético que, por sua vez, entende o desenvolvimento do ser humano como resultado das atividades individuais em seu ambiente. Desse modo, a função da psicoterapia é mediar o sujeito na ferramenta de construção para que ele possa mudar a situação de dificuldade (Pretto et al., 2009).

Diante disso, utilizando a mediação como forma de intervenção dentre os atendimentos, sendo a família parte importante no processo, pois é o local em que a criança aprende sua forma de ser no mundo. Nesse sentido, a criança é lançada num meio social, familiar, cujo olhar dos outros gera expectativas a seu respeito definindo o que deve ou não gostar, como deve agir ou como pode desempenhar o papel dentro da dinâmica familiar (Pretto et. al., 2009). Além disso, a psicoterapia baseada na teoria de Sartre pretende ser um intermediário que pode ajudar a criança a entender como sua singularidade acontece no mundo, de maneira a promover mudanças em seu plano de existência para que seu comportamento fique mais em linha com seu projeto de ser.

Dessa maneira, a abordagem existencialista sartreana não reduz a pessoa a um rótulo ou diagnóstico, mas a compreende a partir de suas relações, pois a forma de cada indivíduo se movimentar no mundo não é igual ao outro, ela vai funcionar de acordo com seu contexto e história de vida.

### **2.2.2 O Método Fenomenológico**

A clínica fundamentada no método fenomenológico busca descrever o que acontece com seu paciente a partir do que se traz por ele, seja, por meio da palavra, do silêncio, da pintura ou das técnicas de projeção (Mattar, 2010). Por outro lado, a descrição pode ser uma possibilidade de compreender não apenas, o mundo, mas a si próprio e o outros, conforme aponta Mattar (2010). Nesse sentido, foram encontrados os seguintes artigos que trouxeram em sua pesquisa o método fenomenológico como ferramenta terapêutica: Mattar (2010), Feijoo (2011b), Pajaro & Andrade (2010) e Santos (2015).

Utilizar o método fenomenológico como instrumento de investigação, Santos (2015) pontua que implica considerar a singularidade da criança e o que ela traz. Ao considerar a singularidade da criança, deve-se estar aberto para narrativa que é trazida por ela sem a priori. Assim, devem-se colocar em suspensão quaisquer juízos de valor, crenças e pré-conceitos ao realizar o atendimento (Santos, 2015).

Conforme Mattar, (2010) o método fenomenológico na clínica psicológica tem se mostrado eficaz, pois envolve a descrição da intencionalidade da consciência. A abordagem fenomenológica significa tentar chegar o mais próximo possível da experiência do indivíduo, ajudando-a a compreender como ele se relaciona com o mundo ao invés de tentar explicar seu comportamento. A epoché é um método fenomenológico de se aproximar do fenômeno, alcançado através da suspensão dos a priori, pré-julgamentos, sendo descritivo e não interpretativa, ação que Husserl denominou antinatural (Feijoo, 2011b).

Para Feijoo (2011b), na clínica psicológica com crianças a partir do método fenomenológico deve suspender qualquer julgamento, crença, diagnóstico e teoria do desenvolvimento no contato com a criança. Assim, de acordo com Feijoo (2011b), no que se refere adotar uma postura atitude antinatural, o profissional deve dar um passo atrás, assim permitindo que a criança se responsabilize por si mesma.

Os exercícios fenomenológicos são a leitura do conteúdo por trás da racionalidade proposta e a busca constante pela singularidade e conexão da criança com o mundo. Dessa maneira, usar o método fenomenológico é, portanto, desconsiderar as teorias de desenvolvimento e seus marcadores, a categorização do comportamento e da aprendizagem infantil, tentando se aproximar ao máximo da experiência da criança (Feijoo, 2011b).

### **2.2.3 Ludoterapia**

Dentre as tendências, destaca-se a ludoterapia como instrumento terapêutico no atendimento clínica com crianças aliado a utilização do método fenomenológico, no qual se busca por meio do sentido do brincar e outras expressões da criança auxiliar na intervenção na clínica infantil. Trouxeram essa modalidade como recurso terapêutico os artigos de Oliveira (2014), Mattar (2010) e Therense (2019). Neles, a utilização do recurso do brincar e da linguagem lúdica foi colocada como fundamental, para o processo psicoterápico.

O brincar surge como uma forma de expressão da criança, a qual ela tem a liberdade e autonomia durante a sessão. Entendendo o brinquedo como mediador desse instrumento, desse modo, ao optar pelo brincar, a criança escolhe sobre o que quer expressar, tendo consciência de sua escolha de decisão (Therense, 2019). A ludoterapia é uma ferramenta importante para o processo terapêutico, o psicoterapeuta tem que saber conduzir de uma melhor forma e estar atento ao modo de expressão da criança.

As psicoterapias infantis de base fenomenológico-existencial acreditam que esta aceitação da singularidade de cada criança deve ser compreendida pelo terapeuta que maneja o processo terapêutico e, desse modo, torna-se condição fundamental para que a criança demonstre livremente seus sentimentos (Therense, 2019).

## **Considerações Finais**

A partir da pesquisa foram selecionados 12 artigos, o que aponta uma necessidade de publicações relacionados à clínica na fenomenológico existencial na infância, e, sobretudo, na adolescência. No que tange a



perspectiva teórica, os trabalhos se concentraram predominantemente nas perspectivas de Heidegger, Sartre, e Husserl, autores clássicos na filosofia fenomenológica existencial.

No que tange ao entendimento da infância e adolescência, os trabalhos entenderam a infância e adolescência, em sua maioria, em uma visão de criança e adolescente sem períodos, sem marcadores de desenvolvimento, não naturalizante ou patologizante. Sobre como é realizado o atendimento clínico, os artigos trouxeram os recursos da mediação, método fenomenológico e a ludoterapia.

Os resultados apontam a possibilidade da realização de pesquisas empíricas com psicólogas e psicólogos que atendam o público infantil e adolescente a partir da perspectiva fenomenológica existencial. Por ser uma pesquisa de revisão de literatura, esse trabalho não permite uma compreensão de como a prática nessas abordagens está se dando entre os profissionais dessa abordagem. É importante essa investigação devido à diversidade epistemológica e das diferenciações que a fenomenologia existencial propõe na investigação dos fenômenos relacionados à infância e adolescência, que se distanciam de boa parte das perspectivas psicológicas em relação a esse público.

## Referências

- Baroncelli, L. (2012). Adolescência: fenômeno singular e de campo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18 (2), 188-196. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n2/v18n2a09.pdf>
- Deurzern, E.V., Craig, E., Längle, A., Schneider, K.J. & Plock, S. (2019). *The Wiley World Handbook of Existential Therapy*. New Jersey: Willey Blackwell.
- Feijoo, A.M.L.C. (2011). *A existências para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica com fundamentos fenomenológicos-existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Feijoo, A.M.L.C. (2011b). A clínica psicológica infantil em uma perspectiva existencial. *Revista da Abordagem Gestaltica*. 17 (2), 185-192. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n2/v17n2a09.pdf>
- Feijoo, A.M.L.C. & Mattar, C.M. (2016). Encontros e desencontros nas perspectivas existenciais em psicologia. *Psicologia em Revista*, 22 (2), 258-274. DOI: <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P258>
- Feijoo, A.M.L.C; Gil, D & Protasio, M.M. (2012). Uma investigação do ser-aí do menino selvagem à luz do pensamento heideggeriano. *Psico-USF*, 17 (2), 225-232. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/psu/a/Zchj5ZNzdVLqyCLVH8BrpLB/?format=pdf&langt>
- Geremias, M.P., Pereira, P. M. B. & Souza, S. R. B. (2018). A psicoterapia fenomenológico-existencialista e sua aplicabilidade em crianças. *Seminários de filosofia e sociaidade: Multiplicando saberes*, 2(2), 4511 – 4520. Recuperado de <http://periodicos.unesc.net/filosofia/article/view/4990/4511>
- Mattar, C.M. (2010). Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia. *Contextos Clínicos*, 3 (2), 76-87. DOI: 10.4013/ctc.2010.32.01.
- Moreira, V. (2011). Contribuições de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a psicopatologia fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17 (2), 172-184. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n2/v17n2a08.pdf>
- Müller-Granzotto, M. J. & Müller-Granzotto, R. L. (2016). *Fenomenologia e Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.
- Oliveira, E. D. F. (2014). Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-Terapia. *IGT na Rede*, 11 (20), 105-119, 2014. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v11n20/v11n20a07.pdf>
- Pajaro, M. V. & Andrade, C. C. (2018). Estudo de caso em gestalt-terapia: leituras fenomenológicas do desenho infantil. *Revist da Abordagem Gestaltica*, 24 (2), 204-214. DOI: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.9>
- Pretto, Z. & Langaro, F. (2012). Pais e filhos em psicoterapia: o atendimento clínico com uma criança. *Psicologia, ciência e profissão*, 32 (4), 1028-1037. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000400019>
- Pretto, Z. (2013). A infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história. *Psicologia e Sociedade*, 25 (3), 623-630. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300016>



- Pretto, Z.; Langaro, F. & Santos, G.B. (2009). Psicologia clínica existencialista na atenção básica à saúde: um relato de atuação. *Psicologia, ciência e profissão*, 29 (2), 394-405. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v29n2/v29n2a14.pdf>
- Ribeiro, J. P. (2011). *Conceito de Mundo e de Pessoa em Gestalt- Terapia: Revisitando o Caminho*. São Paulo: Editora Summus.
- Santos, T. Q. A. (2015). Avaliação psicológica no atendimento infantil: Uma perspectiva gestáltica. *IGT rede*, 12 (22), 08-27. Recuperado em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v12n22/v12n22a02.pdf>
- Sousa, D. (2014). Existential Psychotherapy the Genetic-Phenomenological Approach: Beyond a Dichotomy Between Relating and Skills. *Journal of Contemporary Psychotherapy*. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10879-014-9283-y>
- Teixeira, J.A.C. (2006). Introdução à psicoterapia existencial. *Análise Psicológica*, 3 (24), 289- 309. Recuperado de <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/169/pdf>
- Therense, M. (2019). O processo ludoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial das crianças em atendimento clínico. *Revista da Abordagem Gestaltica*, 25 (1), 15-25. DOI: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25.2>
- Wiz, J.R., Ng, M.Y., Rut, C., Lau, N., & Masland, S. (2013). Psychotherapy for childrens and adolescents. In: Lambert, M.J (Ed.), *Handbook of psychotherapy and behavior change* (541- 586). New Jersey: Jhon Willey & Sons.
- Zavaschi, M.L.S., Bassols, A.M., Salle, E., Maltz, F.F., & Santis, M.B. (2008). Psicoterapia na adolescência. In: Cordioli, A.V. (Ed.), *Psicoterapias: abordagens atuais* (760-776). Porto Alegre: Artmed.

Submetido em 12.01.2022 – Primeira Decisão Editorial em 23.06.2023 – Aceito em 07.07.2023